

Aos mestres, com carinho

Por: Maria Clara Bingemer

Parece longe no tempo, coisa da nossa infância, celebrar o Dia do Mestre. Fazem parte do nosso folclore particular as imagens do menino pequeno e tímido que levava uma maçã para a professora, com o intuito de homenageá-la e agradecer-lhe por exercer com ele a inefável missão de ensinar.

E, no entanto, acabamos de comemorar, no último dia 15 de outubro, o Dia do Mestre. Para nós, católicos, coincide com a festa de Santa Teresa de Ávila, mestra maior da mente e do espírito, digna patrona daqueles e daquelas que desempenham o nobre - e por vezes difícil e sofrido - ministério de abrir aos outros as portas do conhecimento.

No Brasil de hoje, em plena e dolorosa crise do nosso sistema educativo, temos de reconhecer que uma das prioridades com que nos defrontamos é o aviltamento que tem sofrido a profissão de professor. Salários baixos, desvalorização profissional e social, necessidade de acumular empregos para poder fazer face ao orçamento doméstico e sobreviver. São lutas diárias que os professores da rede pública e também - ainda que em menor escala - do ensino privado têm que enfrentar.

Por isso é comum vermos profissionais do ensino abrindo lojas e confecções, fazendo corretagem de seguros, enfim, inventando outros meios de sobrevivência, cansados e desmotivados de lutar por uma carreira que não os remunera dignamente, não os reconhece adequadamente e, portanto, não os realiza.

No entanto, há também o outro lado da moeda. Há a falta e a escassez sempre maiores daqueles e daquelas que entendem e assumem a missão de ensinar as novas gerações como o ofício é na verdade: arte, vocação, sacerdócio mesmo, que exige muita dedicação e amor. Ao lado da situação aviltante e desmotivadora em que se encontra o professorado brasileiro, é certo que também se acham cada vez mais no Brasil professores que são qualquer coisa menos educadores, e sim profissionais do ensino que mercantilizam sua prática, convertendo-se em vendedores de um produto interessado, imediatista e medíocre, que fazem tudo menos educar.

O grito dramático de Adélia Prado em um de seus livros - "Por favor, quem encontrar um mestre, chame-me para que eu possa beijar-lhe as mãos" - não é exagero, mas penosa realidade. Parecem haver desaparecido do cenário brasileiro aquelas pessoas - homens ou mulheres - que a minha geração, felizmente, conheceu, mas que as novas encontram cada vez menos em seu caminho. Pessoas apaixonadas pela educação. Pessoas que faziam do ato de ensinar um ato de fé, de esperança, de amor. E por isso não se limitavam a transmitir conteúdos teóricos; transmitiam também e sobretudo experiência vital. Não despejavam um pacote de teoria mastigado e pronto pela garganta dos alunos abaixo, supondo que se arranjariam para conseguir decorá-lo e "vomité-lo" na prova, para depois esquecer tudo rapidamente. Ensinavam a pensar, a ler e compreender o que era lido, tirando suas próprias conclusões.

Educadores que ensinem a pensar, que desentranhem do fundo das entranhas e das cabeças jovens o desejo inebriante de refletir, de conhecer, de discutir, de debater, de amadurecer, de elaborar - de aprender, enfim. Isso é o que faz falta a nossas crianças, para que não emburreçam irremissivelmente diante dos *Big Brothers* e dos *shopping centers* da vida.

Santa Teresa pode certamente inspirar-nos na nossa busca de verdadeiros mestres. Mas - muito mais e muito além dela - pode inspirar-nos o próprio Jesus, que juntava multidões em volta de si e as ensinava contando histórias, parábolas. O Evangelho diz que todo o povo estava pendente de seus lábios. Como poderia ser de outra maneira? Ali estava um verdadeiro mestre, que ensinava com autoridade, mas também com respeito, com criatividade e, sobretudo, com amor.